SUPLEMENTO LITERÁRIO

JORNAL DE NOTÍCIAS * 4—JUNHO—1959

290

NCONTRO COM DUARDO DE AZEVEDO

...do de Azevedo nasceu em Angola ...mas vive em Lisboa, trabalhan... redactor da revista «Mundo». ...idade literária distribui-se por ...ros, desde o artigo de jornal ...to, à poesia, ao romance, ao ...logo é um dos nomes mais re... da nossa Literatura Con... O seu contacto com Angola ...romance «Terra de Esperan... um dos documentos mais hu... bem observados da vida ...ola. Também enfileirou no mo... realista, com o romance «Vi... e num outro campo dife... «Eda», réplica a «Les en... de Jean Cocteau. A sua ...não pára. Já entregues a edi... dois volumes de contos, um ...«Amor, 59», sai integrado na ...«Mosaico»: um volume de poe... «Tempo ausente» e uma ...tetralogia de romances, de que ...e sair será «Fantoches e Na...

...este breve encontro com o ...perguntando-lhe o que pensava ...Literatura Contemporânea.

...Literatura portuguesa ocupa um ...grande importância na sociedade ...tempo. Refiro-me à literatura de ...imaginação. Desde que essa ...se libertou dos princípios clás... ...definitivamente na tradição ...ledoras, sobretudo nos ...anos. Aproveitando essa van... ...imiu um impulso maior nos ...anos. Graças à presença de ...artistas na composição do conto, ...do ensaio e mesmo do roman... ...atura actual atingiu um nível ...tido que a do século passado ...colocada a par das literaturas ...da Europa. Os homens de le... ...não têm pudor de se confessar ...exactamente por essa litera... ...imaginação se ter desenvolvido ...importância, forçando pelo seu ...reconhecimento geral. Não há ...está a exercer sobre as popu... ...latas uma influência que, antes ...uma literatura clássica tinha ...a adquirir».

...é então que se processa um ...passe da parte do público leitor ...dos nossos escritores?

...ção — conto, novela, romance, ...um profundo atractivo sobre ...o público, quando a composição se ...pelo estilo. Esse atractivo re... ...pelo que faz às faculdades in... ...embora muitos prefiram satis... ...sentidos pelos ambientes emo... ...vados na história. Ainda é ex... ...público esperar seguir um en... ...e se ocupe e preocupe pelo estudo ...dos caracteres, pelas surpre... ...conhecidos da acção. A regra ...tempo, durante o qual as fa... ...intelectuais sejam agradàvelmen... ...dadas e os sentidos deleitados ...tos e subterfúgios de recria... ...explica o facto da maior parte ...de ficção válidas não terem ...tragens nem averbarem repe... ...ções. O contrário se verifica com a tal literatura de entorpecer os sentidos. Com essa sucedem-se num ritmo acelerado. Disso o público não tem culpa. A verdade é que a literatura válida continua a ser privilégio de certas classes que a adoptam; umas, para se exibirem; outras, para saitsfazerem um complexo de literatura; raras, por amor à arte de expressar idelas com raízes na vida. A ficção válida ainda não é alimento espiritual de pobres, embora tenha encontrado o caminho do coração do povo e possua condições para penetrar nele mais profundamente do que qualquer outra arte».

O neo-realismo ainda continua a ser em Portugal um dos movimentos literários de maior destaque. E a opinião de Eduardo de Azevedo, que foi um dos seus representantes, sobre este movimento, merecia ser ouvida. Por isso perguntamos:

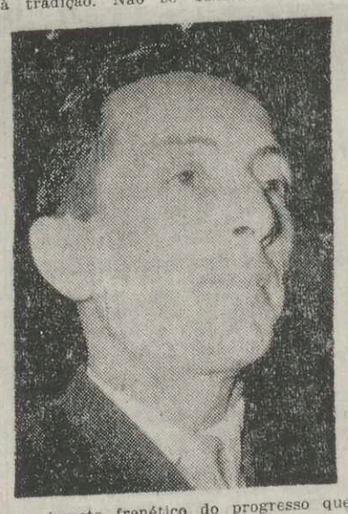
O que pensa do neo-realismo?

— «Estudando a estrutura das obras da literatura da minha época fui levado a perceber que, como nas obras dos outros países, a tendência conhecida pela designação de neo-realismo produziu contos, novelas e romances de enredo fraco, de diálogos sem valor, construção medíocre e que todo o interesse dessas composições está concentrado numa demagogia social puerilizada pelo seu cunho pertinentemente parcial. Aliás, tal tendência há muito foi ultrapassada por outras de carácter essencialista. A obra de arte literária actual procura libertar-se do jugo materialista a que o romantismo dos filósofos do século XVIII e XIX a submeteram. Se todas as experiências humanas aproveitam à evolução do fenómeno da arte literária, a verdade é que os venenos do materialismo ateu que intoxicou a literatura dos fins do século passado e princípios deste estão a ser combatidos pelos antídotos espiritualistas das novas tendências. O neo-realismo afinal não passa de uma moda literária efémera, pois não chegou a fixar-se como expressão válida da tendência que o possibilitou. A grande verdade é esta: na literatura moderna como na antiga, só permanecerão obras que fixaram ou fixarem as expressões essenciais da vida.

Endireitamos a conversa para outro rumo. Agora para finalizar este nosso breve encontro.

— O que é Angola para si? E para África? E para Portugal?

— Conhecer um país sem experiência directa da sua intimidade vital é tão impossível como conhecer um homem sem conviver com ele. É sòmente quando um país deixa de preocupar-se em que o observem e frequentem, que o seu carácter se revela. Não penetramos a sua personalidade, o seu pensamento íntimo, senão no momento em que os espartilhos da sociedade se desatam e em que, desaparecendo o bezerro de ouro do dinheiro, da glória e da ambição, o seu espírito segue o curso normal da existência. A vida é dura, a política imunda, o comércio sórdido, de modo que muitas vezes é injusto julgar um país pela exteriorização pública de sua vida. Exactamente por «Terras da Esperança» ser uma obra escrita sobre a experiência directa que possuo da geografia e povos angolanos, penso tratar-se dum bom agouro do que Angola moderna é e pode vir a ser. Os portugueses de Angola não perderam o senso dos valores como a maioria dos povos seus vizinhos em África. Os tempos modernos não os transformaram, como àqueles, em povos mal humorados e pessimistas. Os portugueses revelam um gosto pela vida subordinada à tradição. Não se deixaram arrastar



pelo impeto frenético do progresso que induziu os seus vizinhos europeus em África, a regeitar o melhor e o mais belo das suas tradições natais. Em toda a África, povoada de povos europeus milionários, só os territórios portugueses são agradáveis jardins de vida. «Terra da Esperança» é um livro de afirmação de fé no destino de Portugal em África. Nenhum povo merece mais do que o português ser considerado humano e humanizador. Qualquer dos outros povos da Europa ali deslocados ou residentes tem muito a aprender com a capacidade revelada pelo português de construir pátrias aonde quer que tenha chegado o seu espírito descobridor, de conquistador e de povoador invicto. Nenhum povo do Mundo demonstra, através de actos, ser tão cristão como o português nas relações humanas que criou, desenvolveu e mantém com os povos aborígenes.

JOAQUIM CORREIA

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS...

O dinamismo do escritor — jornalista Austregésilo de Athayde continua a impôr-se na presidência da Aacademia Brasileira de Letras. A recepção por esta promovida em honra de três embaixatrizes no Rio que são também expoentes da cultura de seus países resultou num grande acontecimento cultural e social que muito o deve ter satisfeito.

As três homenageadas foram as sr.as Courtney Espil, da Argentina; Patrícia Irwin, do Canadá; e Lady Wallinger de Inglaterra. Assistiram o núncio apostólico e o ministro de Relações Exteriores, dr. Negrão de Lima.

Foi Elmano Cardin quem iniciou a cerimónia com um admirável discurso em prol das virtudes e méritos femininos que a Academia tem muitas vezes galardoado, fazendo-o com a maior solenidade e brilho.

Justificando a não admissão de mulheres no quadro da Academia relacionou com ela a festa que se realizava afirmando:

«— Nem se diga, por malícia, que a Academia se penitencia assim, do pecado de não acolher no seio da sua imortalidade as escritoras que bem o mereciam. Temos sido fieis aos fundadores desta casa, que buscaram na imortalidade francesa as normas da nossa instituição. Se os franceses tão cativos à sedução feminina, assim o fizeram, é que poderosas razões, por certo, os moveram no seu gesto de secular intransigência».

Tracou depois o perfil resumido da obra das homenageadas.

«— Lady Wallinger representa muito bem a Inglaterra, país de tantos escritores imortais. A sr.ª Irwin é das maiores, senão a maior poetisa canadense, e a sr.ª Espil voltou-se para as letras históricas, a fim de retratar vultos que enchem de fulgor heroico as páginas da vida nacional de sua outra pátria e irradiam o seu génio construtivo através das fronteiras continentais».

Falou a seguir Rodrigo Octávio Filho que saudou em especial, a escritora canadense de cuja acção e obra deu uma resumida ideia.

Rememorou a sua vida de escritora e poetisa, narrando suas primeiras actividades literárias quando escrevia peças radiofónicas e para um teatro infantil. Foi uma das responsáveis pela revista «Preview», e seus poemas eram publicados no Canadá, E. U. A. e Inglaterra. Mais tarde publicou o romance «The Sun and the moon» e figurou no livro «Unit of 5», com outros poetas de valor. Escreveu a parte falada de um filme infantil, ao qual foram conferidos dois prémios internacionais. Publicou também «As ten as twenty» e «The metal and the flower». «Este último é um livro humano — disse o orador. Está cheio de motivos que emocionam o nosso coração. Dentro dele — ora sombra, ora realidade, — vivem o espírito, a alma, a sensibilidade e toda a inteligência da própria autora».

Depois de Pedro Calmon quanto à obra da embaixatriz Espil afirmou:

«Ninguém poderá escrever sobre as relações dos E. U. A. com a Argentina depois de Caseros sem ler a vibrante memória da sr.ª Espil sobre «John Pendleton and his friendshipwith Urquiza». Lembrou que actualmente dedica-se a escritora a elaborar com graça e minúcia o retrato político do conde d'Eu.

A Academia Brasileira de Letras — concluiu — celebra-lhe e agradece-lhe estes insuperáveis testemunhos de apreço intelectual pelas nossas causas, pelas nossas tradições e pelas nossas paisagens sentimentais. Toda a Academia abandona suas cadeiras azuis para de pé, saudar efusivamente a interprete impecável da Verdade, que une dois destinos, e da amizade que une duas nações».

Peregrino Júnior saudou, por último a embaixatriz Wallinger focalizando as suas principais obras e dizendo que ela herdou de seu pai, jornalista, o gosto pela literatura. Além de artigos, contos e novelas ela deu ao romance inglês graça e delicadeza femininas.

As três senhoras cada uma por sua vez agradeceram a homenagem exaltando a literatura brasileira da qual se confessaram admiradoras, desde há muito. — J. B.

2 POEMAS CAIPIRAS

de AIZUL

Rua sem porta

Eu já taba aborrecida!

Ia na rua sem porta
Cansada di vê rais...

O'lado tinha fromiga
A passá divagarinho
E só si via um risquinho
A disê: "Fui eu quem fiz..."

A cobra toda inrolada
Tinho cabeça a pensá
Qui tudo assim sem parede
Tudo vinha atrapaiá...

Intão Sol deceu mais quente,
E cairo as borboleta,
E cheirou as violeta,
E Deus falou, sem falá,
Qui nós deve andá cuntente
Qui mundo, tudo é lugá...

Pois é Siô Delegado

Aqui tou, Sô Delegado,
Pra fazê meu juramento
Naturá de Morro Im Pé
O meu nome é munto nome
Muda nome im casamento

Pois é, Siô Delegado,
Eu agora é de Velôso
Pruque eu num é mais Pereira...
Velôso é nome gostoso!
Si gosta im quarquê maneira...
O diabo abraça u gente...
A gente acaba no fim...
Ai Senhora dos Arrumos,
Gente quando morre im casa
Desarruma u casa toda!...

Pois é, Siô Delegado,
Quem mais pode andá cuntente?
Sol inteiro ninguem tem
Nós cai na boca do Mundo
Sente o Mundo apertá dente...

Pois é, Siô Delegado,
Eu roubou duas galinha
Que viero ó meu quintá
E que eu matou sem querê...
Nem divia sê pecado
O que nós come a comê...
Pão di carne farta a gente!
O Velôso mora ó lado
E nós fez cumbinação...
Isto da gente gostá
Dá na gente uma afrição!

Pois é, Siô Delegado,
Me prendero pra disê
Agora eu já falou nele...

Pois é, Siô Delegado
Eu taba cheia di raiba,
Eu esganou a muié dele...

ARTES PLÁSTICAS

Exposição de Aguarela e Desenho na Academia Dominguez Alvarez

SIZA VIEIRA

FALA DE ARTE

Dentro dos valores indiscutíveis saídos da Escola de Belas-Artes do Porto, Siza Vieira, recolhidamente, no sossego duma vida, iamos dizer, claustral, apesar dos ruídos da cidade e até, muito especialmente, porque o seu atelier fica mesmo na Praça da Liberdade, Siza Vieira vai, depois dum silêncio dum par de anos (referimo-nos à Exposição inicial realizada em Vila do Conde) expor novamente, na Galeria Dominguez Alvarez, no próximo dia 11.

Estando nós um pouco dentro dos segredos dos deuses, deveremos elucidar o público que Siza Vieira, tal como aconteceu em Vila do Conde não expõe por vontade própria. Repetimos, tal como em Vila do Conde, é outro grupo de amigos do pintor-arquitecto que como que exigiu a sua presença perante o grande tribunal do público.

Antes que essa exposição abrisse as suas portas quisemos possibilitar os nossos leitores a assistirem a uma conversa sem formalidades de entrevista para servir como se fosse um modesto introito à sua pintura e as suas opiniões.

Perguntamos-lhe o que pensava acerca duma entrevista e da sua projecção jornalística.

— Nunca fui entrevistado. Tal como a sorte grande e inversamente a entrevista é uma coisa que sucede aos outros. Prefiro o silêncio do meu atelier, embora povoado pelos discos e música das gargalhadas dos meus colegas.

Falamos em seguida muito sobre Roault, na sua mensagem de profundo humanista cristão.

Siza Vieira admira em especial o expressionismo dentro de todas as correntes de Arte.

E Van Gogh? — perguntamos.

— Sim, até porque foi a primeira manifestação verdadeiramente expressionista.

Abordamos o problema da pintura portuguesa e Siza Vieira não teve dúvida em afirmar a sua incondicional admiração por Sousa Cardoso, Mário Eloy, Dominguez Alvarez e outros.

Falando da pintura universal Siza Vieira disse-nos o seu entusiasmo por Picasso e os pintores da moderna escola da Catalunha como Tapies e Cuixart.

Em seguida propomos à discussão o problema da conjugação das artes Plásticas, ou seja, o trinário da pintura, escultura e arquitectura.

Siza Vieira respondeu-nos resolutamente:

— Não pondo culpa a ninguém, nem em nenhuma arte de per si acho que nos nossos dias essa interpenetração das três artes não tem ainda resultado prático. A arquitectura obrigada a um fundo inteiramente orgânico mantém a sua própria disciplina; os outros dois artistas plásticos o pintor e o escultor trabalham mais para si ou para resolver os seus problemas. Por outro lado parece-me que Matisse na sua célebre capela continuou agarrado à sua pintura.

É preciso ir buscar bem longe, precisamente ao anonimato das catedrais medievas para encontrarmos essa interpenetração realizada inteiramente. Isto não quer dizer que é preciso voltar ao anonimato medieval. O que me parece mais aconselhável seria que as três artes achassem como que uma disciplina trivalente, isto é que valesse para as três e auxiliasse a sua interpenetração.

Falamos depois da actividade pictórica de Siza Vieira e ele disse-nos desassombradamente que a sua pintura também a realizava nas suas casas jogando e modelando os volumes.

Estavamos no fim de qualquer coisa a que não se pode chamar exactamente entrevista, apenas uma conversa amena em que o pintor e o arquitecto falou com um amigo.

Eram 6 da tarde, íamos ao teatro: «Á espera de Godot»... A. P. G.

UM DESENHO QUE MOSTRA A PERSONALIDADE ORIGINAL DE SIZA VIEIRA

otícias COMENTÁRIOS

...ra no Porto, tomando parte nos «colóquios» organizados pela Associação ...ritas e Homens de Letras do Porto, o romancista Joaquim Paço d'Arcos. ...tor de «Ana Paula», «Espelhos de Três Faces», «Corça Prisioneira» ...na última segunda-feira livros seus na Livraria Divulgação. Mais de ...leitores e admiradores compareceram à chamada, demonstrando ...interesse e a projecção do actual «cronista da vida lisboeta».

...Livraria Divulgação já fez o mesmo com José Rodrigues Miguéis e os ...foram idênticos, o que prova que o grande público português já se ...ando pela Literatura.

———*———

...ra-se em Madrid onde vai realizar muito brevemente uma «Exposição» ...Albano Neves e Sousa.

...ral do Porto, Neves e Sousa vive actualmente em Luanda, tanto quer ...sem sido a África a grande inspiradora da sua pintura.

...desenhador, um dos valores positivos da sua geração, trabalhador ...tável, Neves e Sousa goza em Espanha, entre aqueles pintores que ...alguns quadros seus da melhor reputação, daí vaticinarem-lhe um ...

...regressar de Madrid, o pintor portuense-angolano realizará na ...Exposição.

———*———

...Ribeiro, um dos maiores romancistas portugueses contemporâneos, ...publicar em Moçambique um livro com peças de teatro: «Três setas apon... ...Futuro».

...distante do nosso meio literário e artístico, Afonso Ribeiro tem ...apesar de tudo, presente na nossa vida intelectual. Os seus muitos ...terão agora mais uma prova da sua mensagem humanística cheia de ...progressivo e ideológico.

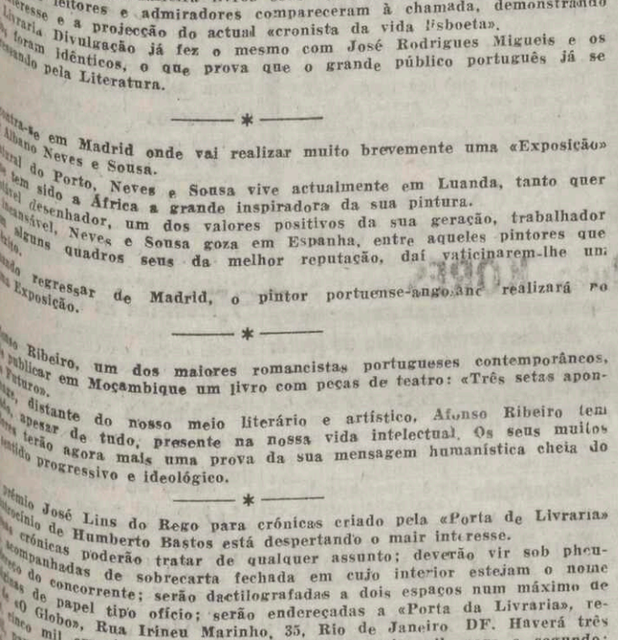
———*———

...prémio José Lins do Rego para crónicas criado pela «Porta de Livraria» ...Fernando de Humberto Bastos está despertando o maior interesse.

...crónicas poderão tratar de qualquer assunto; deverão vir sob pseu... ...acompanhadas de sobrecarta fechada em cujo interior estejam o nome ...do concorrente; serão dactilografadas a dois espaços num máximo de ...folhas de papel tipo ofício; serão endereçadas a «Porta da Livraria», re... ...«O Globo», Rua Irineu Marinho, 35, Rio de Janeiro DF. Haverá três ...cinco mil cruzeiros para o primeiro lugar; três mil, para o segundo; ...para o terceiro. Uma comissão julgadora, composta de três membros, ...no decurso de Junho, os vencedores.

———*———

...ceu no Brasil uma nova revista «Síntese» (política, económica e social). ...de altitude e de horizonte a nova revista, que é de orientação católica, ...a direcção do prof. Paulo de Sá, tem como redactor-chefe o jornalista ...Lopes e como secretário o prof. Rubens Porto. No Conselho Director ...o p.e Fernando Bastos de Ávila, S. J. e entre os redactores das prin... ...figuras de projecção intelectual e literária, como João Neves da ...Alceu Amoroso Lima, Armando Câmara, Artur César Ferreira Reis, Costa ...Faraco, Edgard Matta Machado, Gustavo Corção, J. Fernando Car... ...Artur Rios, José Barreto Filho, Joaquim Costa Ribeiro, Luís Caries ...Lucas Lopes, Luís Delgado, Hilton Campos, Nilo Pereira, Roberto de ...Campos, José Garrido Torres e muitos outros



...IM PAÇO D'ARCOS AUTOGRAFA OS SEUS ROMANCES NA LI... ...DIVULGAÇÃO. AO LADO DO NOSSO COLABORADOR ...DE ALMEIDA, DELEGADO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES NO PORTO

PONTO FINAL NUMA POLÉMICA (?!) INUTIL E INSIDIOSA

A lindíssima poesia *«Um Ontem Cão»* que publicamos com algumas palavras de apresentação deu origem a uma *«polémica»* tão inútil como insidiosa.

Não era, como é natural, essa a nossa intenção, mas apenas demonstrar até onde pode ir o desejo de ser original e de fazer escândalo.

Se fizemos bom humor é porque o *«poema»* não merecia mais, nem sequer tanto.

Recebemos na última semana várias cartas que se referiam ainda ao *«famigerado poema»*, das quais hoje publicamos duas, por serem escritas por *«jovens»*, precisamente aqueles que mais apaixonadamente se envolveram na *«discussão»*...

Porto, 18-5-59

Ex.mo Sr. Director:

Vi a maneira como se sugeriu que se pusesse termo à polémica originada no facto de ter sido feita nesse suplemento literário uma transcrição por partes de um poema de Pedro Oom e esta acompanhada de um à-parte no género de apresentação aos leitores. Parece-me que nesta questão tudo ficou pior, que de modo algum foi justificada a violentação e que agora se tornou forçoso esclarecer que não será a assinatura de qualquer pessoa que venha chamar o que entender à obra que poderá arrancar o acontecimento ou, por outro lado, passar o seu campo de dificuldades para a cabeça de uma hipotética juventude pretexto de bombo, no fim de contas simples material para construção.

Isto sem eu pretender contestar o acolhimento do «Jornal de Notícias» aos jovens. E, até porque tenho «vinte e tal anos», também gostaria que se soubesse que, no caso, aderi ao protesto de José Carlos Gonzalez porque não concordei com esta espécie de bom humor ante um poema como ante algo dele derivado.

Sem querer ocupar mais espaço do que o necessário na página do Suplemento, subscrevo-me com a esperança de que V. Ex.ª me atenderá.

Creia-me sinceramente obrigado
EURICO DE SOUSA

Ex.mo senhor:

Leitor habitual do suplemento literário do «Jornal de Notícias», que V. Ex.ª tão distintamente dirige, foi com o maior espanto e indignação que li a segunda carta desse supracitado senhor José Carlos Gonzalez, onde se fala de «carneiros mitológicos» e se defende (ele diz que não) os «CÃES» dum tal senhor poeta (!) Pedro Oom. Ora a razão do meu espanto e indignação reside no facto desse senhor não pretender «outra arquibancada ou cátedra, que não sejam a da Verdade e da Poesia» e se arvorar em defensor de uma causa, que nada tem a ver com Poesia e Verdade. Quanto à «nobreza do espírito» a que esse senhor se refere, seria melhor que num gesto de nobreza e dignidade intelectual, devolvesse ao seu legítimo autor a tradução do livro de John Steinbeck «O Breve Reinado de Pepino IV» editado pelos «Livros do Brasil», que ele, José Carlos Gonzalez, assinou como sendo sua. Só desta forma se poderia aceitar a «nobreza do espírito» «e o esforço duma cultura» tão apregoados nessa famigerada carta.

Quanto aos «Carneiros do Panurgo», neste caso os do senhor José Carlos Gonzalez, alvitro que se lhes dê leituras frescas, que é o mesmo que dizer: ossos tenros para os «CÃES» do senhor Pedro Oom.

Sem mais, creia-me amigo sincero e admirador

LUÍS DE ANDRADE

Coimbra, 25 de Maio de 1959.

E assim colocamos *«ponto final»* neste *«diálogo»* que teve, apesar de tudo, uma virtude: despertar uma troca de impressões entre a *gente jovem*, que talvez não seja tão estéril como parece à primeira vista...